

# MÚSICA CORAL EM LÍNGUA PORTUGUESA



*Concerto de Homenagem a Fernando Lopes-Graça*

CORO DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA

CRAMOL (Grupo de Canto de Mulheres)

GRUPO CORAL DE QUELUZ

10 de Junho de 1993, às 21h30m

IGREJA DA CARTUXA (Caxias)



Apoio:



PIMENTA E RENDEIRO  
URBANIZAÇÕES E CONSTRUÇÕES, S. A.

Organização:



Grupo Coral de Queluz

— Entrada Livre —



"A prática da música coral é, pelas suas alegrias que proporciona, pelo que representa como factor de educação artística, pelos hábitos de sociabilidade que cria, pelos estímulos de nobre e pacífica cooperação que desperta, um dos índices mais seguros da vida civilizada dos povos e das nações. Quando os homens, sob uma disciplina voluntariamente consentida, se entendem para harmonizar as suas vozes num canto que traduza o amor do torrão natal, a veemência de um ideal colectivo, a aspiração desinteressada da beleza ou a comunhão fraterna dos espíritos, força é que se entendam também para harmonizarem os seus desejos e as suas vontades na prossecução do bem comum na edificação da cidade perfeita -- acorde final do mais sublime canto que eles, os homens, poderão alguma vez entoar."

Fernando Lopes-Graça

(...)  
Canta o caminhante ledo  
No caminho trabalhoso,  
Por entre o espesso arvoredor,  
E de noite o temeroso,  
Cantando refreia o medo.

Canta o preso docemente,  
Os duros grilhões tocando,  
Canta o segador contente,  
E o trabalhador, cantando,  
O trabalho menos sente.

(...)

Luis de Camões, "Babel e Sião"

Nunca ouvi um alentejano cantar sozinho  
com egoísmo de fonte.

Quando sente voos na garganta,  
desce ao caminho  
da solidão do seu monte,  
e canta  
em coro com a família do vizinho. (...)

Janúrio de 1977 - José Gomes Ferreira

"Companheira da vida e trabalhos do povo rural português, a canção tradicional segue-o do berço ao túmulo, exprimindo-lhe as alegrias e as dores, as esperanças e as incertezas, o amor e a fé, retratando-lhe fielmente a fisionomia, o género de ocupação, o próprio ambiente geográfico, de tal maneira ela, a canção, o homem e a terra, onde uma floresce e o outro labuta e ama, e crê e sonha, e a que entrega por fim o corpo, formam uma unidade, um todo indissolúvel. (...)"

Fernando Lopes-Graça, *A canção popular portuguesa*

### Sobre as "harmonizações" de canções regionais portuguesas (texto 1)

"As canções que ides ouvir roubei-as eu ao nosso povo, que tem um grande tesouro delas: e roubei-lhas, não para as guardar para mim, mas com o propósito de lhas restituir, possivelmente com juros do roubo. Mandam a lei e os bons costumes que não fiquemos com os bens dos outros, mesmo quando os outros possuam tesouros. Ora, como as canções são um dos raros e preciosos bens do povo português, eu sentiria a consciência pesar-me se, apropriando-me delas, lhas não restituísse. Não lhas restituo, porém, talqualmente lhas roubei; fiquei com alguma coisa delas e, ao devolver-lhas, procurei que não ficassem diminuídas no seu valor, antes diligenciei aumentá-las com aquele pequeno juro que está nas minhas posses despendido. Que retirei eu do roubo das canções? Eu vo-lo confesso:

Revelaram-me elas melhor a alma do povo português, ensinaram-me a conhecê-lo mais intimamente, ajudaram-me a procurar uma mais funda identificação com ele -- e eu considero isto um benefício muito importante para um artista, para um músico, que deseja e se esforça para que a sua arte, mais do que uma aventura ou uma confissão pessoais, seja um meio de comunicação, melhor, um meio de comunhão com o povo a que pertence."

Fernando Lopes-Graça, in *Seara Nova*, Lisboa, 1990, pp. 13 - 14  
(apud Viriato Camilo, *Fernando Lopes-Graça e o Coro da Academia de Amadores de Música*).

## Sobre as "harmonizações" de canções regionais portuguesas (texto 2)

"(...) Quaisquer, porém, que tenham sido os processos [técnicos utilizados no tratamento das canções] (...), não poderá perder-se de vista a importância que constitui para o compositor o perscrutar na canção popular as suas virtualidades não apenas morfológicas mas aquelas mesmo que designa como psicológicas, de modo a extrair delas 'o máximo partido artístico, explorando-lhe todos os recursos e valorizando-os em função das virtualidades estéticas nelas implícitas'.

Pelo que não faltará quem desengatilhe a questão: 'Afinal, quem (se) moldou (a) quem?'.

Digamos simplesmente que as modinhas, não apenas estas mas centenas e centenas, ganharam vida nova e que o compositor, por influxo delas, por elas 'contagiado', plasmou em parte muito substancial da sua obra aquele sabor à raiz, aquela cor única, têm as longas tardes ensolaradas por esse Alentejo ceiteiro em maré de ceifa, o verde dos minhotos sob um céu sem mácula, as vinhas trepando arduamente do Douro até aos lagares, ondas do mar bravo, lezíria chá, serra e campina, romaria em Agosto, penitência quaresmal, fogueiras de S. João, o xale e o lenço, a xita e o serrobeque, também o Senhor fora, a procissão de penitência, a adoração do Menino, e essa 'dor que desatina sem doer', esse 'contentamento descontente' do amor português que teimamos diferente, temperos com os quais se fez um dos grandes criadores universais do séc. XX, mesmo se, momentaneamente, os figurinos das modas o mantêm naquela espécie de limbo a que não escaparam alguns dos maiores artistas que a Humanidade hoje venera."

José Luís Borges Coelho

Director do Coral de Letras da Universidade do Porto

(fragmento do texto que acompanha: Borges Coelho, Coral de Letras da Universidade do Porto, *Fernando Lopes-Graça. Onze encomendações das almas / Doze cantos de romaria* [CD Portugal Som -- CD 870041/ps -- AAD])

## Sobre as canções com textos de poetas portugueses

"A música de Lopes-Graça ultrapassa por vezes a carga significativa do texto, sem deixar de o respeitar integralmente e até mesmo por o respeitar: consegue tornar mais explícito o que nele estaria implícito, e conferir-lhe uma força reactiva que o poema, de *per se*, embora a contivesse, não a libertaria. É o que sucede nas obras corais sobre textos dos nossos mais destacados poetas."

"A música de Lopes-Graça é, no expoente mais elevado, a língua portuguesa cantada. Nela celebramos, assim, o génio português."

Francisco Faria

Director do Coro D. Pedro de Cristo -- Coimbra

## Música coral de Fernando Lopes-Graça

Pequeno cancionero do menino Jesus (trad.), vv fem, orq câm, 1936; 3 canções corais (J. Gomes Ferreira, J. J. Cochofel, C. de Oliveira), 1946; 3 cantos da terra (R. de Carvalho, J. Ferreira Monte, A. da Silva Santos), 1946; Cantos tradicionais portugueses da Natividade (Cantata do Natal n.º 1), 1945-50; 11 encomendações das almas, 1950-57 (canções regionais portuguesas XIV); 4 redondilhas de Camões, 1950-53; Para as raparigas de Coimbra (A. Nobre), 1951; 10 sonetos (J. de Barros), 1951; 2 trovas tristes e duas alegres (trad.), 1951; Balada de uma heroína (Gomes Ferreira), 1953; Canções regionais portuguesas I, 1954; 3 líricas castelhanas de Camões, 1955; Canções regionais portuguesas II, 1955; 2 romances viejos, 1956; Psalmus cxx, 1956; Em louvor do sol (A. Duarte), 1956; 3 esconjuros (trad.), 1956; Canções regionais portuguesas III, 1957; Nana, nana (E. de Andrade), 1957; O rouxinol do Calvário (G. Leal), 1957; 2 cantos religiosos tradicionais de Galicia, 1958; Canções regionais portuguesas, IV, 1958; Cantos do Natal, vv fem, orq câm, 1958; Rondes et complaints des provinces de France, 1958-9; Canções regionais portuguesas V, 1959; Cantata do Natal n.º 2, 1960-61; Canções tradicionais brasileiras, 1960-61; Trovas de Coimbra (A. de Sousa), 1961; Para o túmulo de Manuel de Falla, 1961; Sol algures lá fora (J. J. Cochofel), 1961; Canções regionais portuguesas VI, 1963; Canções regionais portuguesas VII, 1965; Canções regionais portuguesas VIII, 1966; Canções regionais portuguesas XII, 1971; Avisoamento (Camões), 1972; Concordiae Fratrum lucunditas (Psalmus 132), 1972; Canções regionais portuguesas IX, 1972; Canções regionais portuguesas X, 1973; Parábola do Samaritano (J. Terra), 1975; Acorda meu povo (M. Purificação), 1975; Recordação de Catarina (J. Ferreira Monte), 1975; Dois coros do Cântico dos Cânticos, 1976; Canto na morte de todos os militantes de esquerda assassinados pela PIDE (Ary dos Santos), 1976; Canções regionais portuguesas XI, XIII, XV, XVI, 1977; Os mortos do Tarrafal (M. Purificação), 1978; Três Heróicas (J. Gomes Ferreira), 1979; Canções regionais portuguesas XVII, XVIII, 1980; 4 canções heróicas (Ary dos Santos, Vicente Campinas, Ferreira Monte, J. Gomes Ferreira), 1985; Canções regionais portuguesas XIX, XX, 1985; Cantiga às serranas (Rodrigues Lobo), 1986; Posto me em tal estado (Camões), 1986; Canções regionais portuguesas XXI, 1986; Canções regionais portuguesas XXII, XXIII, XXIV, 1988.

in VIEIRA DE CARVALHO, Mário, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, INCM, 1988.



## MÚSICA CORAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

Concerto de homenagem a Fernando Lopes-Graça

### PARTE I

*O Cramol, o Grupo Coral de Queluz e o Coro da Academia de Amadores de Música cantam alegrias e penas de amor.*

- Gosto de quem canta bem (Alentejo)
- Meninas, vamos à murta (Beira Baixa)
- Menina do balho (Beira Baixa)
- Chora a videira (Beira Baixa)
- Vai-te lavar morena (Minho)
- Abaixa-te ó Serra d'Arga (Minho)
- Se eu fosse como a hera (Douro)
- A barrinha do meu lenço (Alentejo)

#### CRAMOL

(dir. Luis Pedro Faro)

- GRUPO** • Senta-te aqui, ó António (Alentejo) -- Lopes-Graça  
**CORAL** • Dizes que sou lavadeira (Alentejo) -- Lopes-Graça  
**DE** • Nem contigo nem sem ti (mel. Beira Alta) -- Lopes-Graça  
**QUELUZ** • Cinco canções do Cancioneiro Musical d'Elvas -- autor anón.:  
Que é o que vejo / Se do mal que me quereis /  
(dir. Paula Já não podeis ser contentes / Cuidados meus tão cuidados /  
Coimbra) Porque me não vês Joana

- Ai de mim, tanta laranja (Alentejo) -- Lopes-Graça
- Morena, linda morena (Tr. Montes) -- Lopes-Graça
- Lá em baixo vem a raposa (Estrela) -- Lopes-Graça
- Maria da Conceição (Beira Baixa) -- Lopes-Graça
- Virgem da Lapa (Beira Baixa) -- Lopes-Graça
- Ó meu S. João Baptista (B. Baixa) -- Lopes-Graça
- Agora no S. João (Minho) -- Lopes-Graça
- Romeiras de S. João (Minho) -- Lopes-Graça

#### CORO DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA

(dir. José Robert)

### PARTE II

*Cantando as festividades cíclicas*

- ≈ Já os passarinhos cantam (Beira Baixa) -- Lopes-Graça
- ∩ Aleluia (Beira Baixa)
- ∩ Ai do S. João ao S. Pedro (Minho)
- ≡ Oração de Santo António (Algarve) -- Lopes-Graça
- ≈ Moradoras desta casa (Beira Baixa) -- Lopes-Graça
- ∩ Cantiga dos Reis (Minho)
- ∩ Entrai, pastores, entrai (Alentejo)

*Três embalos e um romance*

- ∩ José embala o menino (Beira Baixa)
- ∩ Embalo (Machico - Madeira)
- ≡ Anda, duérmete niño (Trás-os-Montes) -- Lopes-Graça
- ≡ Romance da menina cativa (Beira Alta) -- Lopes-Graça

*"... E o trabalhador, cantando,  
O trabalho menos sente. ..."*

Luis de Camões, «Babel e Sião»

- ≈ Quem tem farelos -- villancico anónimo (séc. XVI)
- ∩ Eito fora (Beira Alta)
- ≡ Aproveitai a azeitona (Beira Baixa) Lopes-Graça
- ≈ Dás oliveira frutos -- A. Saias / Lopes-Graça

*Três cantos em comum*

- ∩ ≈ ≡ O milho da nossa terra (Beira Baixa) -- Lopes-Graça
- ∩ ≈ ≡ Meus olhos van per la mare -- anónimo (Canc. do Palácio)
- ∩ ≈ ≡ Vivam apenas -- J. Gomes Ferreira / Lopes-Graça

- ∩ Cramol
- ≈ Grupo Coral de Queluz
- ≡ Coro da Academia de Amadores de Música

## Luis Pedro Faro

Foi aluno do Centro de Estudos Gregorianos e do Instituto Gregoriano de Lisboa, tendo estudado Solfejo, Canto gregoriano, Modalidade gregoriana, Harmonia, Contraponto e Fuga, Composição superior, Análise musical, Direcção polifónica, Direcção gregoriana, História da Música, Paleografia musical e Análise da modalidade gregoriana. Estudou com os professores Piñeiro Nagy (guitarra hispânica), Júlio Campos, R. Schingerlin, S. Fineck (percussão) e Carlos Franco (flauta transversal). Frequentou cursos de Pedagogia musical infantil (método Orff), Etnomusicologia africana, Música Barroca e Música Antiga Ibérica. Prossegue actualmente os seus estudos de Canto lírico com a professora Cristina de Castro.

Realizou trabalhos de pesquisa etnográfico-musical na Beira Alta, Beira Baixa, Alentejo e Trás-os-Montes.

Fez parte do Grupo de Acção Cultural (GAC), onde desempenhou as funções de director artístico; é autor de arranjos discográficos de vários cantores-autores portugueses e estrangeiros; fez direcção musical e compôs música de cena para diversos grupos de teatro ("O Bando", "A Barraca", "Comuna", entre outros); foi co-fundador, com Pedro Caldeira Cabral, do grupo de música antiga "Musica Ficta".

Conjuntamente com Francisco d'Orey, dirigiu o primeiro Curso de Direcção Coral organizado pela Associação dos Coros Amadores da Área de Lisboa (ACAAL). Lecionou direcção coral no Curso de Animadores Musicais organizado pelo Sindicato dos Músicos.

Em 1990, foi encarregado da selecção dos coros portugueses representantes de Portugal na Europália 91. A convite do pelouro da cultura da Câmara Municipal de Oeiras, colaborou na organização do I e II Ciclos de Música Sacra em Oeiras.

Dirigiu os coros; da "Incrível Almadense", da "Juventude Musical Portuguesa" (Lisboa), do "Grupo Desportivo do Banco Pinto & Sottomayor", do "Grupo Desportivo do Banco Nacional de Fomento", do "Clube de Empregados da IBM Portuguesa", "Novos Tempos", "Descante", "Psallere" (coro de câmara), "Grupo Coral de Portimão". Dirigiu os grupos instrumentais: "Fidicularii" (orquestra de cordas de câmara) e "Sonare" (grupo de metais).

Actualmente é director musical e técnico vocal do grupo de teatro "O Bando", dirige o "Coro da Universidade Técnica de Lisboa" e o grupo vocal "Cramol".

## José Robert

Desde muito cedo a actividade musical de José Robert incidiu no estudo e prática da música coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com especial incidência na polifonia.

Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luís, praticou Direcção Coral e música de Câmara com Viçoso Freire, dirigindo a Schola Cantorum, do Seminário Patriarcal dos Olivais, durante vários anos.

Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalabitano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também desde 1974, como adjunto de Fernando Lopes-Graça, e a partir de 1988, como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música de Lisboa.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral, no país e no estrangeiro. Trabalhou, nomeadamente, com Pierre Kaelin, Heinz Henning, Arnaodov, Herbert Joris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Mistos, sob a orientação de Gertrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de Directores Corais, orientando, a convite da Secretaria de Estado da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, diversos cursos de Direcção Coral, em várias zonas do país.

Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa, é, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa e, a partir de 1986, do Coro da A.T.L.N.E.C. Desde Outubro de 1991, desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa.

## Paula Coimbra

Concluiu o Curso Geral de Canto no Conservatório de Música do Porto, em 1981, e o Curso Geral de Composição no Conservatório Nacional de Lisboa, em 1986, frequentando actualmente o Curso de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa.

Frequentou diversos cursos intensivos de Direcção Coral, dos quais se salientam os orientados por Vassil Arnaodov, Edgar Saramago, Anton de Beer e José Robert.

Trabalhou como assistente do maestro Francisco d'Orey na direcção do Coral de Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra e como assistente do maestro José Robert na direcção do Coro da Universidade de Lisboa. Dirigiu um dos grupos corais da Biblioteca Operária de Oeiras e dois coros na Marinha Grande: o Coro do Sport Operário Marinhense e o Coral em Canto. Dirige actualmente o Grupo Coral de Queluz.



## CRAMOL

O Cramol é um coro feminino que desenvolve a sua actividade no âmbito de uma associação cultural, a Biblioteca Operária Oeirense. Formado em 1979, o grupo dedica-se à interpretação de polifonias tradicionalmente cantadas por mulheres, sendo o seu repertório baseado fundamentalmente na música de tradição popular portuguesa recolhida por diversos etnomusicólogos (o grupo utiliza como fonte quer a música já transcrita e publicada, quer a que, registada magneticamente, não foi ainda transcrita e/ou publicada).

Até Setembro de 1991, o Cramol foi dirigido por Rui Vaz. Trabalha, desde essa altura, sob a direcção de Luís Pedro Faro. Ao longo da sua existência, o grupo actuou em dezenas de espectáculos no país e no estrangeiro (Londres, Turim, Amsterdão e Roterdão); efectuou várias gravações (Rádio WDR - Alemanha, France Culture, Universidade de Viena, Malawi); participou em programas televisivos ("Outras maneiras" e "Inventário Musical", entre outros); colaborou em várias edições discográficas (José Afonso, José Mário Branco, Pedro Barroso, Chico Buarque, Fausto e Júlio Pereira).

Muitas das polifonias interpretadas pelo Cramol entroncam directamente nas primeiras criações polifónicas conhecidas na Europa, sendo afins das formas medievais que hoje conhecemos pelo nome de "Organum" e "Fabordão". O nome *cramol* deriva de uma dessas formas musicais e é uma corruptela da palavra *clamor*, a qual está associada à narração da Paixão nas cerimónias da Semana Santa da religião católica. Mais tarde, o nome, já alterado, é aplicado a cantos diversos usados em procissões e em romarias.

Interpretando canções oriundas de diferentes zonas do país, o Cramol procura pesquisar no âmbito da recriação do timbre vocal próprio de cada região (o timbre vocal usado em cada região é dela tão característico como as suas formas musicais típicas).

As canções que fazem parte do repertório do Cramol têm temáticas muito variadas, reflectindo aspectos diversos da vivência humana: o trabalho, o lazer, o amor, a religião, a maternidade.

## CORO DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA

O Coro, fundado por F. Lopes-Graça em 1946, esteve no seu início ligado ao Movimento de Unidade Democrática (M.U.D.) e só em 1950 foi oficialmente incorporado na A.A.M., tendo nessa altura adoptado o nome de Coro da Academia de Amadores de Música. O coro foi dirigido pelo seu fundador até 1986, tendo, a partir desse ano, passado a contar com a direcção de José Robert, maestro adjunto de Lopes-Graça de 1974 a 1985.

No seu início, o repertório do coro era constituído pelas "canções heróicas" que Lopes-Graça tinha começado a compor no Verão de 1944, em estreita colaboração com os autores dos poemas (Carlos de Oliveira, João José Cochofel, José Gomes Ferreira, Armindo Rodrigues, Arquimedes da Silva Santos, Edmundo de Bettencourt, Joaquim Namorado, Mário Dionísio, entre outros), e as apresentações públicas incluíam declamação de poesia por Manuela Porto, bem como sessões de teatro a cargo de um grupo de amadores por ela criado. A partir da década de 50, um cada vez maior número de canções regionais portuguesas, em harmonização de F. Lopes-Graça, integrou o repertório do coro e, devido aos condicionamentos políticos da época, as "canções heróicas" deixaram de ser cantadas nos concertos públicos. O coro passa então a apresentar-se exclusivamente como instrumento de divulgação da canção regional portuguesa e recolhe admiração e aplauso junto da crítica musical da época (pela maleabilidade das vozes, pela dicção clara e natural do coro, simultaneamente precisa e expressiva, pela entrega entusiástica dos coralistas amadores a um trabalho que se adivinha exigente), conseguindo ao mesmo tempo um grande impacto de comunicação junto das populações rurais e suburbanas.

No seu livro *Fernando Lopes-Graça e o Coro da Academia de Amadores de Música* (Seara Nova, 1990), Viriato Camilo refere que até à época de 1988/89, inclusive, o coro interpretou 139 Canções Regionais Portuguesas, 8 Canções Populares Brasileiras e 55 Canções Heróicas, tendo efectuado (desde 1955/56) 479 actuações públicas e gravado 2 discos de 45 rotações e 4 discos de longa duração. O coro actuou em todo o tipo de salas e lugares, perante as mais variadas assistências, por todo o país, tendo-se deslocado a Paris (Outubro de 1974) e a Luanda (Abril de 1979).

Desde a sua fundação que o Coro da Academia de Amadores de Música cultiva a sua vida interna de forma a que permanentemente sejam enriquecidas as vivências culturais e humanas dos seus membros. Logo no início da sua actividade, o coro promoveu os "Encontros de Sábado" e os "Serões das Quartas-Feiras" na Academia de Amadores de Música (oportunidades para escutar pequenas palestras sobre a obra de variados compositores, obras para piano solo ou para canto e piano de F. Lopes-Graça e ainda solistas e agrupamentos musicais de elevado nível artístico). Para além disso, o coro sempre aproveitou as deslocações pelo país para aprofundar, de forma consciente, o conhecimento do património artístico nacional e das paisagens naturais, e sempre deu importância aos momentos em que, antes ou depois dos concertos, a música cantada colectivamente aproxima de forma inigualável os que a cantam.

João de Freitas Branco (in *Gazeta Musical*, Lisboa, Março de 1959) escreveu: "Fundando e dirigindo o Coro da Academia de Amadores de Música, Lopes-Graça criou o meio de dar realidade sonora às suas harmonizações. O mais notável não é, todavia, o ter fundado e assumido a direcção, mas sim o formar em Portugal, uma unidade polifónica persistente em existir, progredir e servir competentemente uma causa de cultura".



## GRUPO CORAL DE QUELUZ

O Grupo Coral de Queluz é uma associação de amadores de música que tem como objectivos a prática e divulgação da música coral, numa perspectiva de contribuição para uma permanente "educação pela arte" de coralistas e público. O Grupo Coral de Queluz está aberto a todos os que, através da prática do canto coral e da aquisição colectiva de conhecimentos musicais e técnica vocal, pretendam desenvolver o seu gosto pelo canto.

A fundação do grupo remonta a 1967, mas a sua legalização como associação cultural aconteceu somente em 1978. Até 1982, o G.C.Q. trabalhou, sucessivamente, sob a direcção de Carlos Gonçalves e de Paula Acácio. Entre 1982 e 1991 teve a direcção artística de Alexandre Branco (com a colaboração, em 1990 e 1991, de Ana Venade) e, a partir de Maio de 1991, foi conjuntamente dirigido por Alexandre Branco e Paula Coimbra. Actualmente trabalha sob a direcção de Paula Coimbra.

De importância especial na vida do G.C.Q. são os concertos realizados em colaboração com a Junta de Freguesia de Queluz e as actuações efectuadas no Palácio Nacional de Queluz, inseridas na rubrica "Música no Palácio".

Além destas actuações, o G.C.Q. tem efectuado concertos em muitas localidades do país e participado regularmente nos encontros de coros amadores do concelho de Sintra. Em Tours (França) participou nos «XV Rencontres Internationales de Chant Choral» e, em Tomar, no «Festival de Música Polifónica», onde foi apresentada em primeira audição absoluta a obra *Avisamento* de Fernando Lopes-Graça sobre texto de Luís de Camões.

### Fernando Lopes-Graça e o Grupo Coral de Queluz

A primeira actuação do Grupo Coral de Queluz nos Jardins do Palácio teve lugar há pouco mais de 10 anos. Nessa altura, convidámos o Maestro F. Lopes-Graça a assistir à nossa actuação (nesse concerto também participou o Coro Canto Firme, de Tomar) e dirigir algumas das suas obras. Foi um momento muito especial, que marcou profundamente o trabalho do coro -- contactar directamente com o Autor é uma experiência única, da maior riqueza. Por várias ocasiões, nos anos seguintes, o G.C.Q. contou com a presença e o apoio de F. Lopes-Graça em vários concertos e actuações. Outros momentos foram igualmente marcantes no convívio com o Maestro: quando da apresentação integral da *Segunda Cantata de Natal* e nos concertos realizados com o Bóreas-Quartet em Lisboa (Auditório A.A.M.) e no Palácio Nacional de Queluz. O Grupo Coral de Queluz manteve sempre nos seus programas uma parte significativa de obras de F. Lopes-Graça. Com elas adquiriu um conhecimento mais rico da cultura e da sensibilidade musical do povo português. Poder usufruir do contacto directo e fraterno de F. Lopes-Graça, poder contar com a amizade de uma figura da sua estatura humana e intelectual, foi determinante no trajecto do G.C.Q. nestes anos. Merecer essa amizade é algo de que nos orgulhamos e que, nesta homenagem, agradecemos.

Alexandre Branco  
6 de Junho de 1993